

COMUNICADO

da

Direcção da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte

Na sequência da carta aberta publicada no Jornal Expresso, no passado dia 26 de Maio de 2020, a propósito da intervenção de conservação e restauro de que os “Painéis de S. Vicente” do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) irão beneficiar, impõe-se uma tomada de posição pública sobre o teor da mesma, por parte da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte (APHA), no sentido de sublinhar a competência científica da equipa de profissionais da Conservação e Restauro e História da Arte responsáveis pelos trabalhos:

1) As obras de arte atravessam os tempos e sofrem com eles. Ao longo da História, inúmeras foram as intervenções levadas a cabo no nosso património artístico, garantindo que hoje, museus, palácios e igrejas o possam exhibir, para deleite de diferentes públicos.

Como os “Painéis de S. Vicente” do MNAA, os antigos retábulos serviam de cenário às cerimónias litúrgicas e poderiam até constituir-se como obras de agradecimento a Deus por uma promessa ou por um feito alcançado. Além disso, estas peças constituíam verdadeiros referentes visuais dos fiéis que através delas aprendiam os episódios mais marcantes da vida de Cristo e da Virgem, ou as vidas dos santos e seus milagres. Por conseguinte, didactizava-se a mensagem cristã, tornando-a mais acessível e perceptível junto da comunidade, esta maioritariamente iletrada no século XV.

2) O manuseamento destes retábulos, como de outras pinturas, peças de talha ou imaginária, e as condições ambientais a que foram expostos não beneficiaram a sua conservação. Por estes motivos, as obras foram intervencionadas ao longo dos séculos, nem sempre da forma mais adequada: ora com envernizamentos vários, que procuravam realçar o brilho do colorido ou o vigor das formas humanas, por exemplo,

ora com adições e repintes que tantas vezes alteravam o sentido iconográfico das representações, embora tivessem, quase sempre, a intenção de as modernizar e actualizar de acordo com os cânones vigentes.

3) Não iremos trazer para este texto toda a história custodial e atribulada dos “Painéis de S. Vicente”, nem compete à Direcção da APHA tomar uma posição sobre as variadíssimas teses existentes sobre o tema, mas tão-somente lembrar o essencial: as pinturas foram pensadas para a decoração do altar de S. Vicente, na Sé de Lisboa, no século XV. Séculos mais tarde, em 1742, integraram as colecções de pintura do Cardeal Patriarca D. Tomás de Almeida no Palácio da Mitra, tendo, por isso, escapado ilesas ao terrível terramoto de 1755 que afectou significativamente a Sé lisboeta. Anos depois, no século XIX, foram movidas para o Paço Episcopal, no Mosteiro de S. Vicente de Fora, onde foram (re)descobertas em 1883 (e não 1882), conforme bem provou a historiografia da arte portuguesa. Daí saíram para a Academia Real de Belas-Artes para receber uma extensa obra de beneficiação pelo pintor-restaurador Luciano Freire, em 1909/1910, integrando as colecções do MNAA, após a proclamação da República, onde ainda hoje se podem admirar.

4) Salvo raras intervenções de pormenor e de consolidação, os “Painéis de S. Vicente” não voltaram a receber a atenção devida dos conservadores-restauradores. Não por incúria ou desinteresse, mas por manifesta falta de meios e de oportunidade. Só mais recentemente, graças às fotografias de alta definição realizadas às pinturas, se verificou a urgência de uma intervenção de resgate e salvaguarda preventiva de tão importante obra de arte europeia. Uma vez mais, a Fundação Millennium BCP, com a sensibilidade para as questões do património que tem revelado ao longo das últimas décadas, aceitou o desafio de patrocinar esta obra de conservação.

5) Além do vital apoio financeiro, esta empreitada, que não foi gizada de forma leviana, irá usufruir de vários apoios, de carácter técnico, imprescindíveis para ser completada. Para lá da equipa do museu, liderada por Joaquim Oliveira Caetano, os técnicos de

restauro contarão ainda com o auxílio inestimável do Laboratório HERCULES, da Universidade de Évora, unidade de investigação de excelência no campo do estudo analítico do património, fruto dos inúmeros exames já efectuados a toda a nossa pintura antiga portuguesa (e não só). A colaboração atenta e experiente de especialistas de referências no campo da pintura antiga europeia, como Maryan Ainsworth, do Metropolitan Museum de Nova Iorque, de Maximiliaan Martens, da Universidade de Gent (recentemente envolvido no trabalho notável e irrepreensível do restauro do “Cordeiro Místico”, de Jan van Eyck), e de Miguel Falomir Faus, do Museu Nacional do Prado de Madrid, consolidará, do ponto de vista científico, o trabalho a realizar.

6) Uma parte significativa da aludida “carta aberta” baseia-se na ideia de que os conservadores-restauradores, que têm a incumbência de intervir nas pinturas de Nuno Gonçalves, irão fazê-lo de modo incorrecto ou apressado. Atendendo ao que são as normas e procedimentos que definem a Conservação e Restauro enquanto categoria profissional, a APHA considera tal tese totalmente infundada e potenciadora de equívocos graves. As fotografias do “antes” e “depois” do restauro, a par dos relatórios escritos do estado de conservação actual das tábuas, e os da intervenção realizada, são hoje indispensáveis e fazem parte de qualquer protocolo básico da intervenção em pintura antiga. Nesta fase, nem a suposta assinatura do pintor, nem a alegada data aí presente (1445) e que os signatários pretendem ver estão em causa na intervenção. Mesmo que se chegue à conclusão de que tais elementos resultam de adição posterior, a remoção dos mesmos deve ser, como sempre é, alvo de discussão pluridisciplinar, antes de se tomar qualquer decisão.

7) A APHA está particularmente atenta ao desenvolvimento desta importante iniciativa e tem plena confiança na equipa de conservadores-restauradores destacados para o efeito, tal como a resposta da Conservadora-restauradora que lidera a equipa que intervirá nos Painéis de São Vicente, publicada no Jornal Observador (31 de Maio) assim o assegura.

8) Cumpre dizer que APHA tem como sua principal missão a defesa e consolidação do papel da História da Arte na sociedade, enquanto disciplina científica, praticada por profissionais aptos para, em contexto interdisciplinar, poderem dialogar com colegas de outras áreas (caso da Conservação e Restauro) no sentido de se avaliarem, caso a caso, quais as melhores medidas a adoptar no âmbito de uma intervenção.

9) Uma nota final para dizer que o debate ora suscitado pela referida “carta aberta”, embora revelador de um manifesto interesse por parte dos seus signatários quanto aos “Painéis de S. Vicente”, não deve, contudo, contribuir para o menosprezo da competência científica daqueles que têm a responsabilidade, o conhecimento e, também, o privilégio de poder, de forma bem informada, intervir na conservação do património nacional.

Lisboa, 1 de Junho de 2020.